QUERER
PODER

FINALISTAS

DOS

PUPILOS

DO

EXÉRCITO

CURSOS DE 1955-56

FINALISTAS
DOS
PUPILOS
DO
EXÉRCITO

CURSOS DE 1955-56

FINALISTAS

DOS

PUPILOS

DO

EXÉRCITO

CURSOS DE 1955-56

PROFESSORES

Nesta hora nossa d'abalada,
Senti vosso peito engrandecido,
Como fulcros da luta sustentada
Por nós, neste tempo não esquecido.
Antes d'irmos confiantes p'rá entrada
No novo caminho a nós desconhecido
P'rá vida nobre que ambicionamos,
Nossa gratidão a vós afirmamos.

E se esta afirmação não for inteira,
Tanto como realmente se pretende
Que é pelo menos verdadeira
Mostra nossa alma que não fende
Em qualquer perigo e maneira
Pois para a honra ela só tende.
Pelos conselhos vossos não esquecidos,
A vós somos sèriamente agradecidos.

Comandante de Batalhão.

P A I S

Agora que nossos cursos são findados,
Que vós, com ànimo estupendo
São junto de nós bem aproximados,
Amor paterno nos estão movendo
Lágrimas, choros, nunca dedicados,
O estudo vos estamos oferecendo,
Nossa primeira e forte labuta,
Que mesmo pode ser chamada de luta.

Vereis o amor de filho não movido
P'la luta, ele existe certo, é eterno,
Só de mim, não! De todos conhecido
Aquele aviso bem do ninho paterno,
Belo! Mais: — Querido, não esquecido,
P'ra vós, pais, nosso amor eterno
Desde as horas primas, as primeiras,
Até às que são da vida derradeiras.

Comandante de Batalhão.

C O L E G A S

Está o curso ao fim já chegado,
Só um laço pequeno 'inda nos une
Ao «Pilão» tão nosso tão amado
E nos olhos, uma lágrima aparece
Em todos, no momento celebrado
Da despedida d'ora que estremece
Do companheiro, amigo bem vincado,
Do amor fiel que não esquece.

P'ra vós colegas, p'ra vós camaradas
Destes anos nossos, companheiros
Das horas tão alegres, animadas,
P'ra vós felicidades, votos verdadeiros
Que vossas vidas sejam conquistadas
Subam, alcancem os lugares cimeiros
Continuai honrando a farda do «Pilão»,
Amigos, estais no nosso coração.

Comandante de Batalhão.

Irá saída do lápis dum artista

A figura de todo o finalista

CURSO
DE
CONTABILISTA

Eis aqui dez companheiros conduzidos
Para a vida trabalhosa, desejada,
Da frente à retaguarda bem unidos
Deixam ora sua casa tão amada.
Eis o *Barroso* e o *Moura* de mão dada,
Do *Castanheira* eles vêm já seguidos,
O *Almeida* bem lhes segue na peugada,
Que são pelo *Sousa* recolhidos.

O *Dionisio,* a neve quase pura,
O *Costa,* que foi o Comandante,
O *Jorge,* a sua frágil estatura,
Marques, calmo e *Roberto,* ajudante.
Na despedida dos próprios diplomados,
Destes amigos unidos, aprumados,
Que a vida levem de rompante
Deus queira, seja ela triunfante.

Comandante de Batalhão.

FERNANDO BARROSO

É difícil falar de ti, caro amigo,
Para mais que não estamos sós,
Estão todos atentos ao que digo,
Presos, suspensos da minha voz.

Ainda se pudesse falar, mesmo baixinho,
Daquela paixão que tiveste desde pequenino,
Para só a perderes no ano passado,
Quando te apareceu esse amor nunca sonhado.

Ainda se pudesse falar deste amor,
Que te enche todo o coração,
Que tem trazido muita dor,
Mas que acabou com a tua solidão.

Descrever a tua grande melancolia.
Povoada de sonhos românticos,
Quando não abres a boca todo o dia,
Para da alma escutares os tristes cânticos.

Ou então dizer que és um sentimental
Que não pode ver uma mulher chorar,
Que faz muitos «sonetos», coisa normal,
Mas que não deixa ninguém para eles olhar.

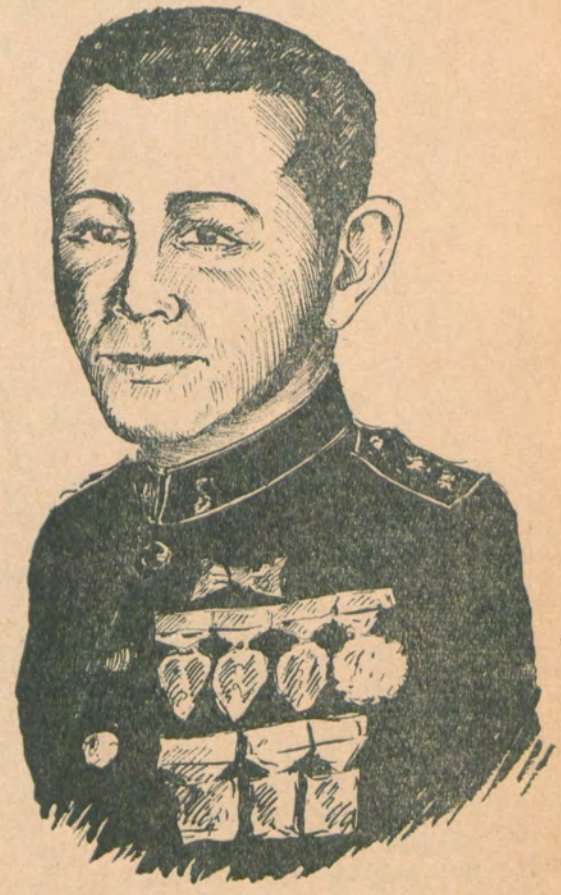
Mas não posso falar do teu sentir,
Que o íntimo das pessoas é «tabú»
Para mais se se deixam invadir
Pela timidez e são caladas, como tu.

Conselhos finais te quero dar,
Como sejam: perderes essa timidez,
Não estares muitas horas a sonhar
E largares para sempre a rispidez.

Aperto-te a mão com calor
No fim destes versos que te fiz.
E agora, junto ao teu amor
Só uma coisa te desejo: sê feliz.

MOURA

ALFREDO MOURA



Quanto mais lido com as mulheres,
— Mais me aborreço delas...
Algum dia, quando te arrependeres,
— Dirás que todas são belas!

Quanto a este aforismo,
— Meu bom rapaz...
Tens de sofrer um metabolismo
Senão... muito sofrerás.

Porém... ele... é... o tal...
Que... quanto a amor...
E', cem por cento, sentimental,
Quando ama, fá-lo com todo o fervor.

Rir-me, a bandeiras despregadas,
Ah!... Ah!... Ah!... Ah!...
Das conquistas fracassadas,
Ah!... Ah!... Ah!... Ah!...

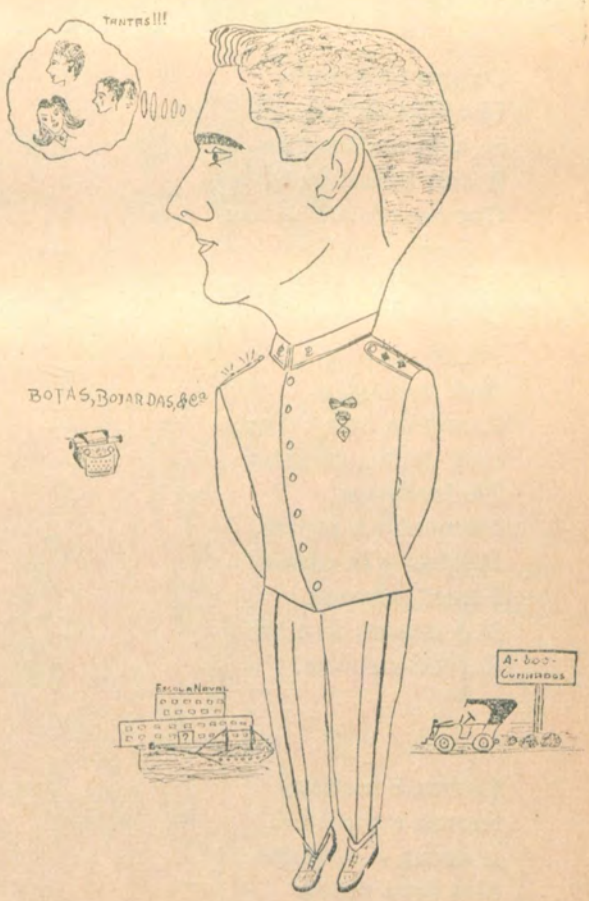
— Não! Não o consinto...
Pois, desd'Ana Maria até à Leonor
— Se, acaso... não minto,
Tiveste sempre, um grande amor.

Mas, da mente tudo passou,
— Conquistas fracassadas...
— De todo, as olvidou...
— Tantas paixões passadas.

Força de vontade e sisudez.
— Eis, as tuas qualidades.
Mas, nada de timidez,
São grandes as tuas possibilidades.

A despedida se aproxima
E, neste momento saudoso
Uma coisa se encima
Um abraço do... Barroso.

HEITOR NUNO FERNANDES CASTANHEIRA



Eis o «Menino» Castanheira
Comandante da Primeira
Com o seu sinalzinho maldoso
A dar-he um ar gracioso.

Se às formaturas não chegam cedo
Ele ralha e bate o pé,
Estejam calmos, não tenham medo,
Ele é ainda um *Bébé*.

Nas conquistas é um «Galã»,
E' a perdição das pequenas,
Ele diz com muito afã:
«O meu fraco são as morenas».

Nos desportos foi um «azelha»,
Ao remo se dedicou com fervor,
Mas como era grande «abelha»,
Deu um rico pescador.

Aluno muito aplicado,
Foi dos melhores do «Pilão»,
Altamente graduado,
E' da «vóvó» a perdição.

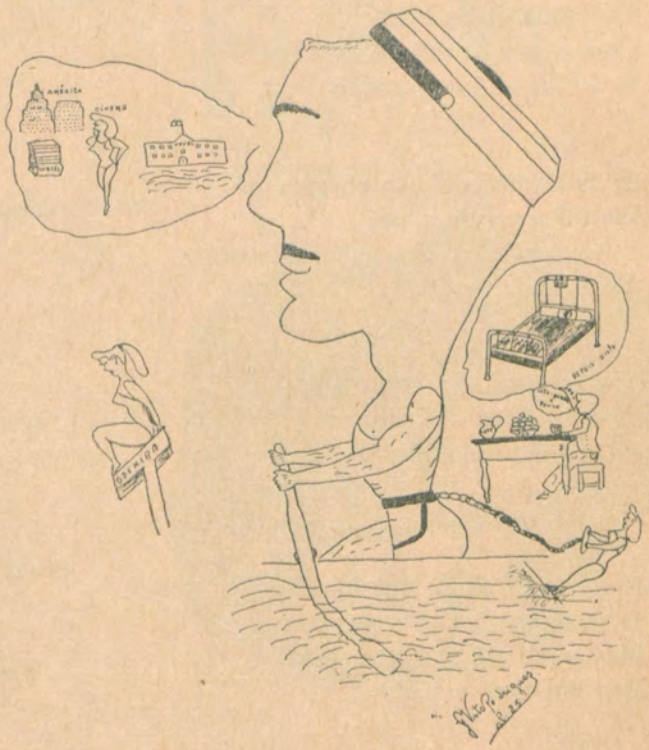
Segue a carreira do «Papá»,
Vai também p'rá Marinha,
Em breve oficial será,
Para enlevo da «Mãezinha».

E à hora da partida,
Ao saires estas portas,
Felicidades te deseja,
O amigo,

«ZÉ DAS PORCAS».

António d'Almeida

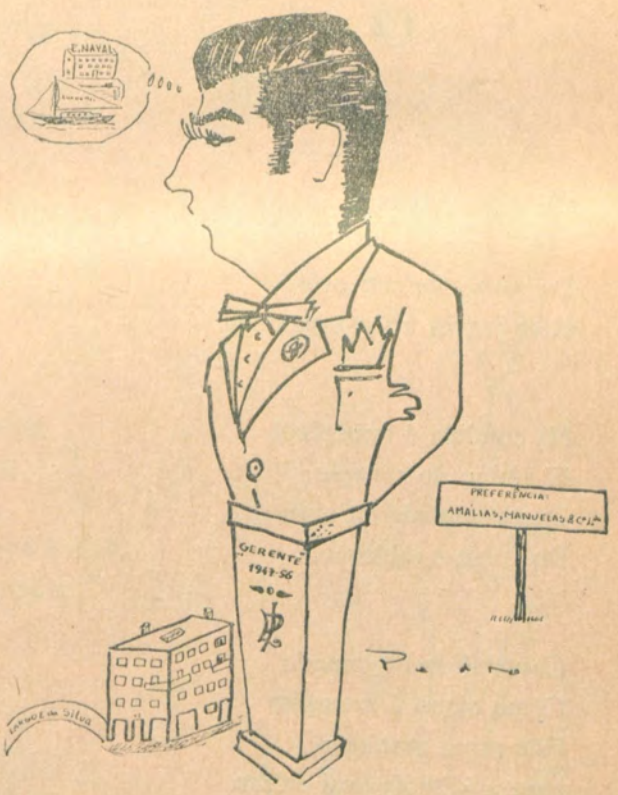
Da memória sugo,
Um Contabilista,
Se chama «Besugo»
E hoje é finalista!
Que ao «Pilão» deixar,
Vai quase a chorar,
E lembra o que fez,
Veio de Idanha-a-Nova
Prestou sua prova
Bom no Inglês.
E embora com calma,
Bem dentro da alma
Ele leva pena,
Me ponho a pensar,
História p'ra contar
Parece pequena.
Mas mesmo a reinar
Eu vou-a contar.



Comeu e sornou,
Remou e comeu,
E nunca «chumbou»,
Mas água meteu
Só de brincadeira,
De qualquer maneira
De barriga cheia,
Perguntem quem é
Que come ao café
Dez «buchas» e meia.
E se ouvir me pode
Saúde ao bigode,
Eu vou desejar
Afasta a tristeza, —
Que eu tehno a certeza
Que vais triunfar.

Vais partir, o tempo é escasso
Te despedes a sorrir
Do CABO VERDE um abraço!
Com pena de te ver ir.

Vítor Manuel Antunes de Sousa



Conhecem este rapaz?
Não? Eu faço a apresentação.
Muito pouco ou nada faz
Mas é bom camaradão.

Com um cachecol natural
E uma barriga impante
Parece um gordo comerciante
Dos arredores da capital.

Arquiteto, engenheiro,
Electricista e aldrabão,
E' tal a sua perícia,
Que até já fez um canhão.

Tentou o tiro com aparato
E houve borrasca da forte
Pois se até o Alferes «Gato»
Falava aflito na morte!

Genial violinista
E com grande inspiração,
E' um verdadeiro artista
Este rapaz, «O TUBARÃO».

Vai, confiante na vida,
Com sua Nelinha querida,
Se casar.

Felicidade e amor
E' o que quero, sem favor
Te desejar.

MOURA

RAUL DA COSTA DIONISIO

Quando veio para o «Pilão»
Esta encantadora criança
De comandar um pelotão
Nem sequer tinha esperança.

Na conduta é impecável
E' amigo do coração;
Duma vontade indomável
Do curso é sabichão.

Contabilista diplomado
Como aluno é exemplar
Este rapaz acanhado
Para a «Escola» vai entrar.

E' um rapaz sonhador
E não liga a bagatelas
Por isso tem rancor
A' sua alcunha «Odivelas».

Tem umas certas «peneiras»
Que saltam logo ao olhar
E muitas pequenas deveras
Ficam por ele a sonhar.

Com isto vou terminar
Desejando-te à despedida
Um mundo de felicidades
E de venturas na vida.

POLICARPO

ANTÓNIO CARDOSO FERREIRA DA COSTA

No eco de remotas tradições,
Num esvoaçar de tempo venturoso,
Choraram sempre tristes corações
o abandonar dum lar, belo, ditoso.

Cobriu-se com a «cota» da dureza,
Foi fecundo nas frases colossais,
Prenhes de poesia.
Mostrou do gesto humano o dom beleza,
Cortou o mal nascente, mais e mais,
Até ser bem um dia.

Foi no velho *Pilão* o «Batalhões»;
Foi no final do curso o ponto cruz,
O fulcro, exemplo raro.
Parte a vencer de frente as ilusões,
Até atingir impante o cume luz,
Tão desejado e caro.

No eco de remotas tradições,
Num esvoaçar de tempo venturoso,
Se falará num nobre «Batalhões»,
Num «cota» altivo, forte, vigoroso.

ANTONIO ALEIXO

Jorge da Ressurreição Vieira

Da malta ao som do compasso,
Se despede «FAKIR» o tal do «Aço».

Não será difícil falar
Deste colega, Jorge Vieira.
Porém vamos fazê-lo de maneira
A que o possamos gosar.

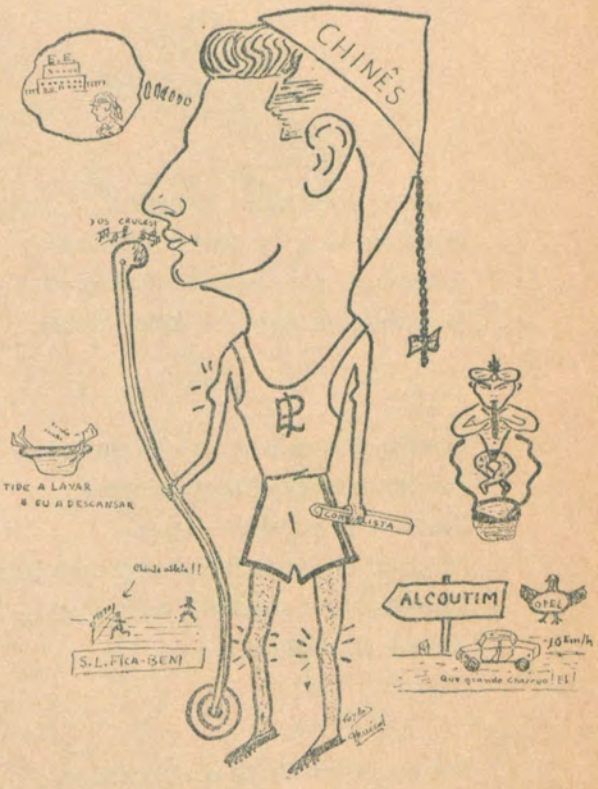
Cabe agora apresentar,
Faltam-nos palavras em mente,
Um que o «Pilão» vai deixar,
Um benfiquista doente.

Sempre disposto a reinar,
Sem carregar o sobrecenho,
E' conhecido, mas em vez
De Vieira, por «CHINÊS».

Com cara de sofrimento,
Mas corredor de tal sorte.
Que não sei se tem intento
De fugir à própria morte.

Para ele que padece,
A vida é de sofrimentos,
E, logo que algo acontece
Ao céu rompe com lamentos.

Com habilidade invejável,
«Quadras soltas» são o seu forte
De carácter afável,
A muitas já fez a côrte.

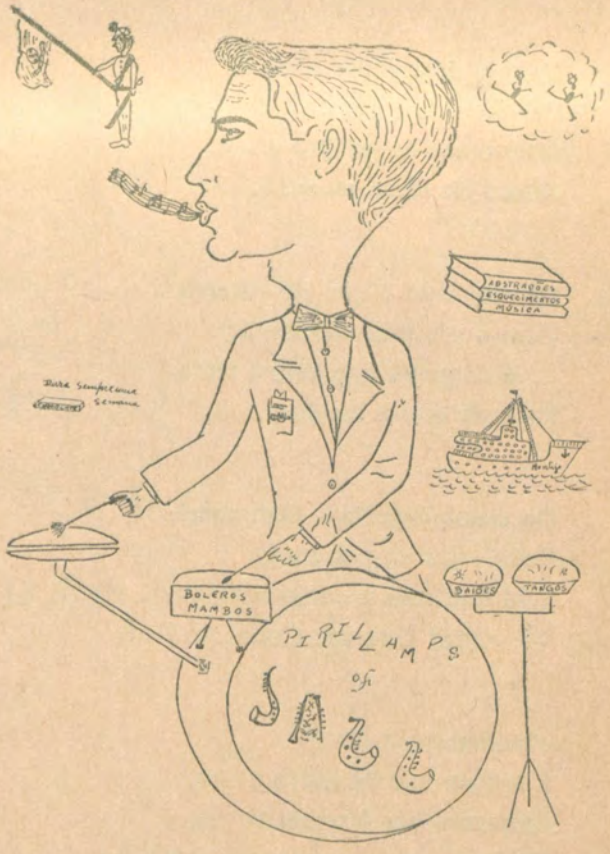


Nesta hora triste da despedida
Te queremos desejar do coração
Boa sorte na futura vida.

E, se alguma lágrima de comoção
Tiver pelas tuas faces rolado,
Deixa-a. E' a saudade do passado.

CABO VERDE E DIONÍSIO

Emídio José Brandão dos Santos Marques



Certo dia no «Pilão»
Apareceu um miudito,
Tinha por nome Brandão
Mais conhecido por *Quinito*.

Porta-bandeira aprumado
A farda fica-lhe a matar
No futebol é afamado
O futuro dono da «Julmar».

Para a equipa escolhido
Como médio aplicado
Foi pelo azar colhido
Pois o time foi eliminado.

A falar é demorado,
A comer nem se fala,
Este amigo dedicado
Que p'lo «Pilão fez escala.

Anda sempre bem disposto,
Nunca lhe falta alegria,
Podem crer que até dá gosto
Ouvi-lo tocar bateria.

Pelo Montijo vegetou
Até no «Pilão» ingressar
E agora que se diplomou
Num cadete se vai tornar.

Antes que a rima me falte,
Meu amigo Brandão,
O Dionisio que também parte
Abraça-te do coração.

FERNANDO GONÇALVES ROBERTO

Veio lá do ridente Algarve
Das mouras e amendoeiras,
Com o seu ar sempre grave
Nunca ele disse asneiras.

Não sei bem o que ele encerra
Com o seu tom melancólico
...é daqueles que vem à terra
Para ser muito católico.

Do nosso capelão o bem amado,
Religioso cem por cento.
Será que com o curso acabado
Vai entrar para um Convento?...

«Sacristão» já ele é
E creiam não há outro assim,
Enquanto nós fazemos banzé,
Ele reza, «mais ou menos», em latim.

No desporto foi um furo
Na Mutualidade um confusões,
Com as relações de cobrança,
Meu Deus, que atrapalhações.

Amores?... talvez uma centena...
Em sonhos, está claro...
De cabeça rômbica e melena
Ainda não amou este «Bicho raro».

Apesar de tudo, ele espera
Que lhe surja um convite
Duma moça que lhe queira.
Há aí quem se habilite?...

«Vai em paz» na tua ida,
E com as tuas qualidades
Ganharás o céu p'ra eterna vida.
«Da malta» muitas saudades.

CURSO
DE
INDÚSTRIA

Olegário Wagner Barbosa de Castro

Eis que agora aparece no «abalo»
«Visconde de Meneses», «O Gargalo».

Importado de Viana do Castelo
Atleta que a correr é tal pileca
De que o «Pilão» se orgulha todo ufano
Acreditem, senhores, dá gosto ve-lo
Trazer às costas enorme marreca
E a caçar borboletas todo o ano.

«Gargalo», «O Dezasseis», «O Engenheiro»
É bem uma figura popular
Deste «Pilão» mui velho e já cansado
Tão bom no futebol do mundo inteiro
Que um dia de tantos chutos dar
Pôs o sapato em cima dotelhado.

«O Dezasseis» que é sempre tudo ou nada
Uma vez quando ia passear
Perplexo se deteve a apreciar
Grande desfile, enorme parada
E mesmo ao som da marcha militar
Saiu já com a pombinha conquistada.

E eu queria dar na hora d'abalada
Felicidades ao célebre «Engenheiro»
Segue sempre na vida e bem caminha
Com a boneca que conheceste na parada
Que a vida te dê rios de dinheiro
E saúde na marreca que é grandinha.

Desculpa «Engenheiro» o que hoje digo
E se a marreca se molha quando chove
Perdoa com um abraço o velho amigo
A quem chamaste «309».

CABO VERDE — Aluno n.º 309

Benjamim Corte Real

"Nai-Móri"

Nobres damas chorai
E a fronte inclinai;

Curvai-vos, cavalheiros;
Tocai vós, trombeteiros;

Sua alteza «Real»,
Volta p'ró matagal...

Há muitos anos, há um ror,
Chegou ao I. P. E. um oriundo,
Do belo panorama de Timor,
Situado p'ra lá do fim do mundo.

E embora se esforçasse por não ser,
Pois todos o tratavam sempre assim,
Este belo pretinho ao vencer,
Mostrou-se uma vez mais, o Benjamim,

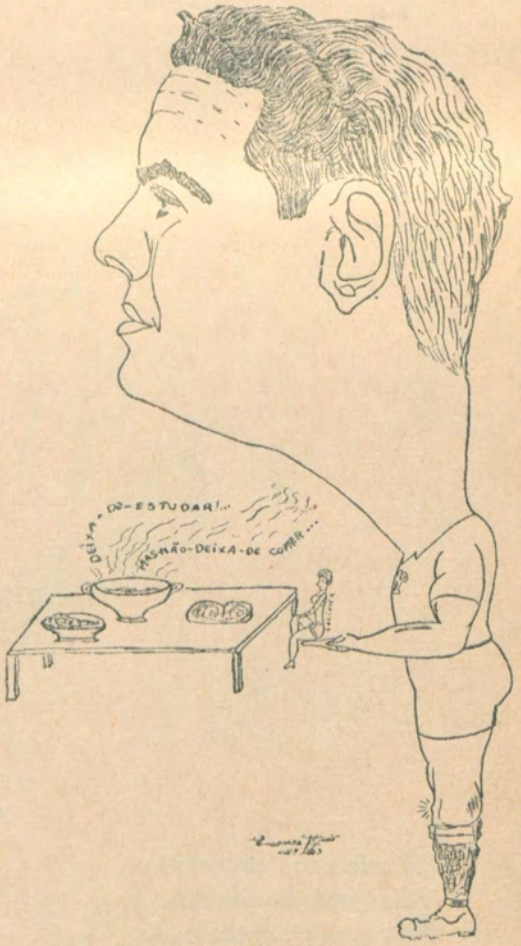
Volta p'ra terra mãi, ao seu reino
doirado,
Á beleza de sonho, do mundo desejado!

Vai p'rá vida e o coração,
Sente o que a vida promete.
Porque a vida de «Pilão»,
Três vezes nove, VINTE E SETE.

Senhoras, senhores, chorai
Quem volta p'ró matagal...
Deixá-lo partir, deixai!
Parti, alteza «Real»!...

ALEIXO

Etelvino Caetano Dias



E eis que surge assim este rapaz
A deixar este Instituto hospitaleiro
No amor foi fortíssimo e audaz
E nas pugnas desportivas, o primeiro.

Num engate feito na mula
Namorou uma Alicinha
Mas agora o seu amor
E' sem dúvida a Lolinha

O seu peito coberto de medalhas
Digam lá que este *pilão* não tem cartel
Com o curso travou heróicas batalhas
Para o finalizar como furriel.

Insaciável às horas das refeições
Ao vê-lo não esquecerei jamais
Meus senhores eis o rei dos comilões
Sempre à espera de mais e mais.

E a sua história termina
Com lágrimas de despedida
Deste teu amigo eterno
Pilão, amigo da vida.

António Pereira Inácio

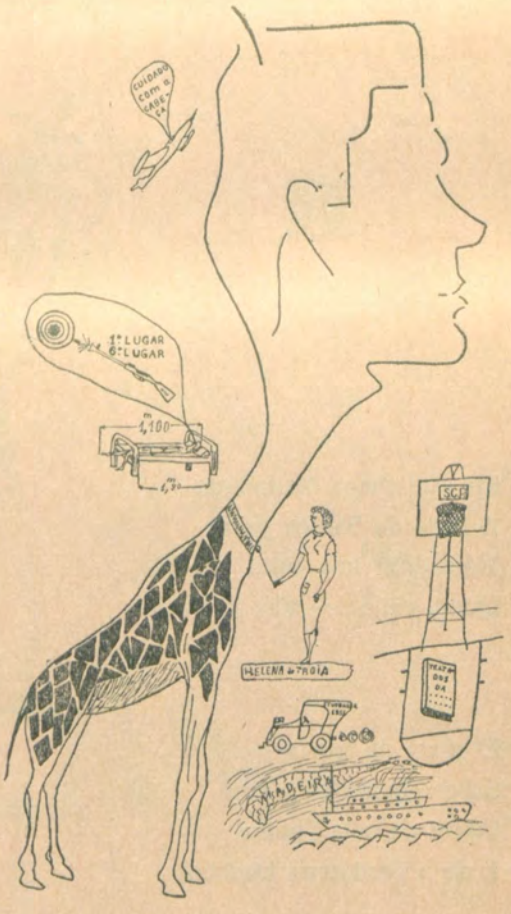
Há sete anos importado
Veio parar ao «Pilão»
Para agora ser chamado
Para a nossa aviação.

No desporto um azelha
No físico um portento
(Um burro desta maneira
Sempre é mais que um jumento).

Desculpa amigo Inácio
Mas não te zangues comigo
Como falta a rima em *cio*
Um abraço do amigo.

BOMBA

David Irineu Veloza Ponte Lira



Aparece agora aqui,
O mais alto das formaturas,
Que vai p'ra sargentia,
Sujar-se nas viaturas.

Já quando veio p'ra cá,
Era um alto rapazito,
Que p'las suas pernas finas,
Tinha um andar esquesito.

Olha que grande girafa!
Diziam logo os «pilões»,
Que só estavam satisfeitos,
Em lhe dar uns encontrões.

Chamaram-lhe o dorminhoco,
Outras vezes o comprido,
Mas pelo nome de girafa,
Foi sempre mais conhecido.

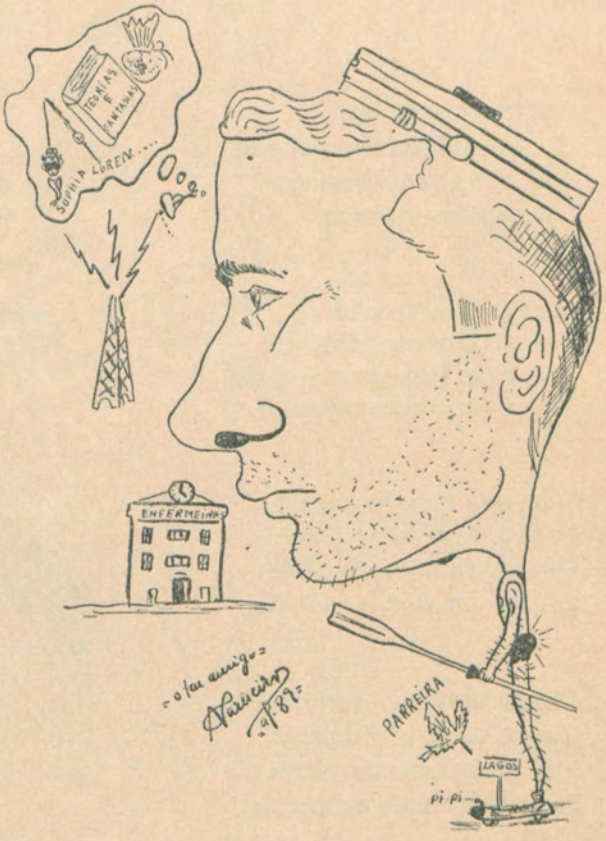
Foi também um grande atleta,
Que representou o «Pilão»,
Jogando o basquetebol,
No qual foi bi-campião.

No tiro foi um «ás»,
Sendo o melhor português,
E honrando o Instituto,
Com orgulho e altivez.

No jogo contra o «Moderno»,
Tem como recordação,
A moca que lhes mostrou,
Como simples tradição.

E por fim nos despedimos,
Deste amigo da Madeira,
Que nos vai deixar em breve,
P'ra seguir outra carreira.

José da Silva Santos

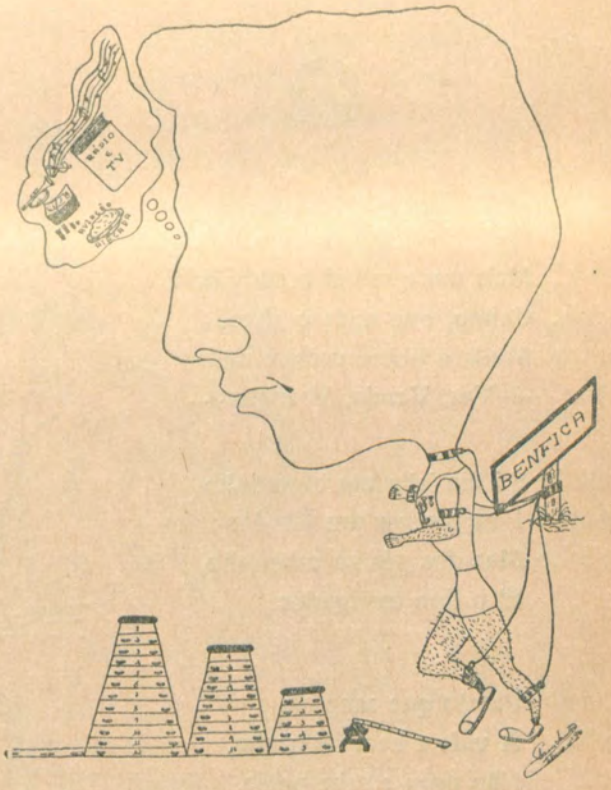


Eis que chega finalmente
A hora do Santos partir
Vou dizer-vos num repente,
Quem ele é: — Vão já ouvir:

E' o rei da teoria
Sabe remar muito bem
Gosta da bela Sophia
E de «Verdasco» também.

Oito anos vegetou
Nesta casa que lhe é querida.
Comeu, dormiu e estudou
E se dois anos chumbou
Foi p'ra tardar a partida.

Vítor Manuel Paiva de Almeida Santos



Na pia baptismal
Chamaram-lhe PAIVA SANTOS
Mas p'la malta é conhecido
Pelo amigo CRAVA TANTOS

Embora fosse industrial
Também era «comerciante»
Pois teve a ideia colossal
De se tornar «traficante».

Era típica a sua pessoa
De mala com afamada «ginginha»
E diz-se que cá em Lisboa
Conquistou uma «velhinha».

Eis que chega o Carnaval
Com todo o seu explendor
E o Paiva deixou-se agarrar
Pelos laços do amor.

Do Pilão ele vai sair
Com o coração a sangrar
De Benfica nunca chega a partir
Pois fica p'ra namorar.

Na despedida final
A festa vai ser ideal
Como qualquer brincadeira
Abraça-nos amigo SANTOS
Para que nunca esqueças
Os colegas JORGE e PEREIRA.

JORGE E MÁRIO PEREIRA

Domingos António Simões Vaz

Mais um que vai nesta Cheia,
Calmo, que nada o afina.
Muda o nome volta e meia:
— Vaz, Vazela, Vazelina...

Só lhe falta um bigodinho
P'ra parecer um ditador;
Mas dos pés ao cabelinho,
E' o tipo castigador.

Pacato que sabe rir,
A vida a bem foi aceite,
Não nega e sabe pedir,
Um, dois copinhos de leite.

O que causa admiração
A todos se não me engano,
Como sendo um magrição
E' da gema, alentejano.

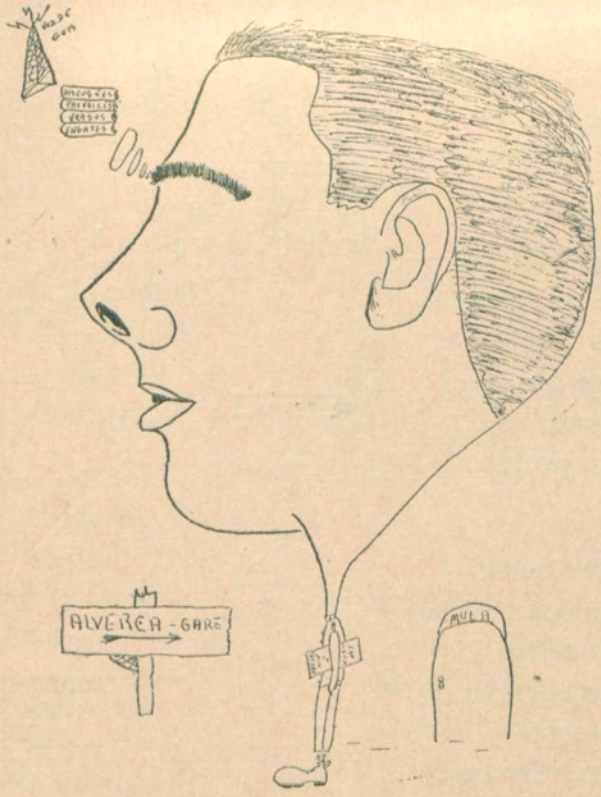
Vai agora «Vazelina»,
Entra na vida e sorri
Quem sabe rir sempre anima
Vai que «Ela, espera por ti...»

ALEIXO

José Parente Rodrigues

Tornou-se grande «farrista»
Ao deixar a terra amada
Mas chegou a finalista
Depois desta «grande maçada».

E' «barra» em transmissões
E especialista em radar
E faz umas confusões
Da malta toda pasmar.

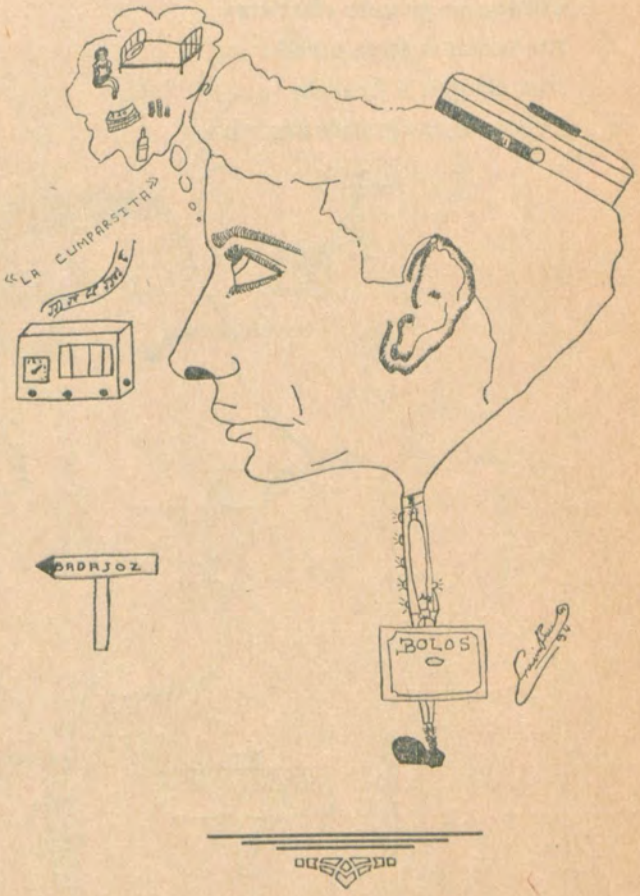


Bailarino de alarde
Com seus ares de diplomata
Engatou só numa tarde
Quatro miúdas, o «Rata».

Agora vais servir
Para a Índia Portuguesa
Enfrenta a vida a sorrir
Deixa para traz a tristeza.

ARTUR CARVALHO

José Manuel Maçaroco Pires



Cá no «Pilão», I. P. E.
Está sempre a dormir em pé,
Qual príncipe encantado,
Como está, pois podem crer,
Ninguém consegue saber
Se a dormir, se acordado.

Mas desculpa, amigo Pires,
De eu não pôr um cabeçalho
Nos teus versos já finais.
Ouvi dizer que a dormires
Tu fazias de espantalho,
Para espantar os pardais.

Vai, depressa, Periquito,
Dorme mais um poucochinho
Do «Pilão» vais abalar,
Mas depressa sem demora,
Vai e aproveita agora
Tens tempo para «Chonar».

Escuta agora, Maçaroco,
Tu podes chorar um pouco,
Pois ao partir tens de quê,
Dormes um pouco a sorrir.
Tu assim podes fingir,
E a chorar ninguém te vê!

Deixa bem correr o pranto,
Vá, segue e não durmas tanto,
Se um dia sentires saudades!
Fixa bem o que hoje te digo,
«CABO VERDE» um grande amigo,
Te deseja: Felicidades.

Francisco João Carreira Borges d'Almeida

Ao trazer-vos o «Tareco»,
Mostro-vos um exemplar
Que é o mais feio Boneco
Que consegui encontrar...

Mesmo assim, há uma pequena
Que lhe deu o coração
É muito feia, eis a pena...
E muito rica, a questão...

Mas o Almeida não torce,
O coração não entrega.
Ela por mais que se esforce,
Ele o coração lhe nega.

Meteu-se no futebol...
Títulos não teve nenhum
Julgava-se um grande sol,
Mas sempre e sempre deu pum.

Olha com ar superior,
Arqueando as sobrancelhas,
Mas só a rica é que cai,
P'ras outras são coisas velhas...

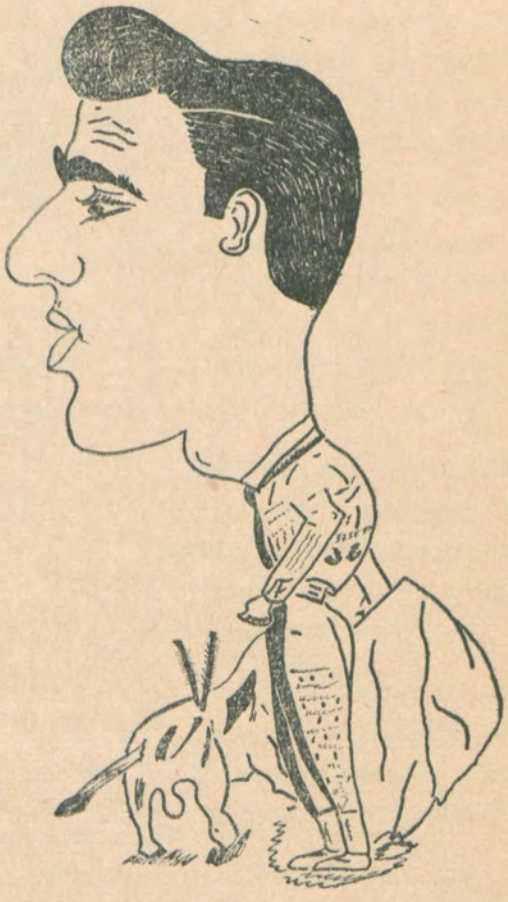
A hora de abalar soa,
Junto à pequena esse orgulho
Mata, une bem os corações;
Que ela tem coisa boa,
Com que se enche o bandulho,
Com que se compra melões.

Pensa bem no que te digo;
Vai com um abraço de amigo

ALEIXO

José Joaquim Gama da Mota

A Praça está cheia, a tourada vai começar,
Eis, senhores, que o «diestro» vai entrar.
Olham todos para ver quem ele é,
Há gritos, brados, eis que surge o PRÉ.



Futebolista afamado,
No Xadrez ele é um mestre,
E sempre aplica Xeque-mate
A qualquer que se apreste.

No curso ele foi um «Bera»,
No desporto assim assim,
Nas touradas uma «fera»,
Bem ou mal chegou ao fim.

Que faças muitas «faenas»,
E felicidades sem par
Lá por essas arenas,
Onde fores «tourear».

ALUNO N.º 28

Carlos Alberto Frederico de Albuquerque

Caxias, de noite,
Do vento, um açoite,
Sol a despontar,
Poucos dentes tem,
O «Téquinhas» vem
Só e a gaguejar.

Forte compleição,
Bom o coração,
Que quebra não torce,
Na vida terrena
E' «bera» e é pena,
Que fales em «Morse».

Dizem que por lá,
Em Caxias há,
Garotas sem par,
Mas quanto à Esmeralda
Eu não digo nada,
Podes-te zangar.

O curso acabou
Tudo terminou
No «Pilão» vélhinho,
E hoje a valer
Triste, mas sem querer,
Chora um poucochinho.

Guarda do «Pilão» o laço,
Para matar as saudades,
Do CABO VERDE um abraço,
Que deseja: Felicidades!

Jorge da Luz Mano

Que é isto?! Mas que horror!
E' um homem sem cabeça?
—Tem cabeça, sim senhor...
Ainda que o não pareça!

O artista ao desenhar
Fê-la com tanta beleza
Que se a deixasse ficar
Era o CAOS com certeza!

As raparigas presentes
Jamais podiam esquecer
Aqueles olhos, tão quentes
Que pareciam dizer:

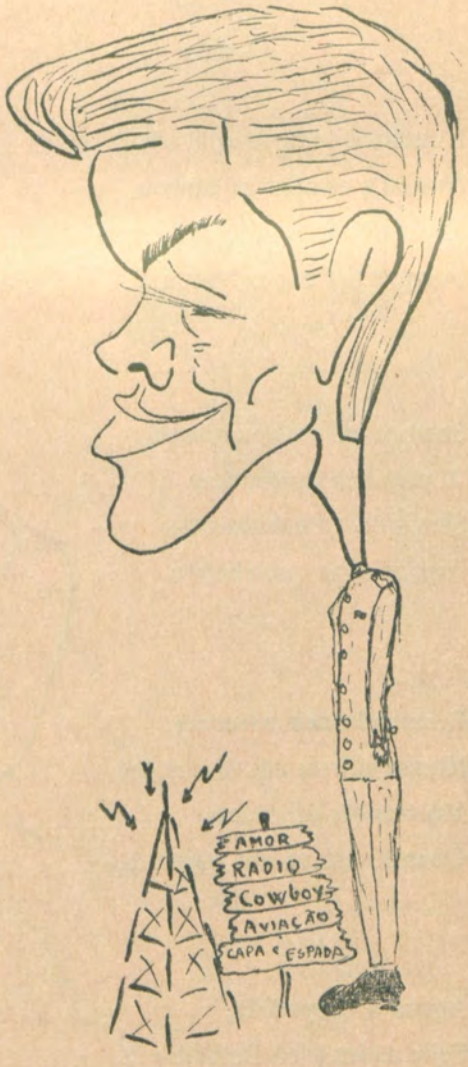
.....

—E' tão grande meu coração...
A todas posso albergar...
Venham cá... dêem-me a mão
Quero com todas casar!

Já são horas d'abalada
Felicidades ó Mano
Abraça-te um camarada
E pronto! Que caia o pano!

SOTNAS AVLIS

José Carlos Garcia Gouveia da Cunha



E' este o *Benjamim* do ano
Dos que vão partir deste «Pilão»
Com ar alegre e sempre ufano,
Vai trocar isto p'la aviação.

Tem sempre muitas borbulhas
E alguns ares de «Don Juan»,
Mas nunca entrou em «bulhas»
Como desordeiro «galã».

Foi nos estudos regular
Intercalados de amores,
E no «Pilão» quiz frequentar
O curso de Montadores.

Disso saiu ele bem,
E diz agora ao partir:
«Saudades, quem as não tem?»
«Lá vou p'rá vida a sorrir».

Que sejas sempre feliz,
E nunca «amigo da onça»
Deseja ao mais petiz
Num abraço, o MENDONÇA.

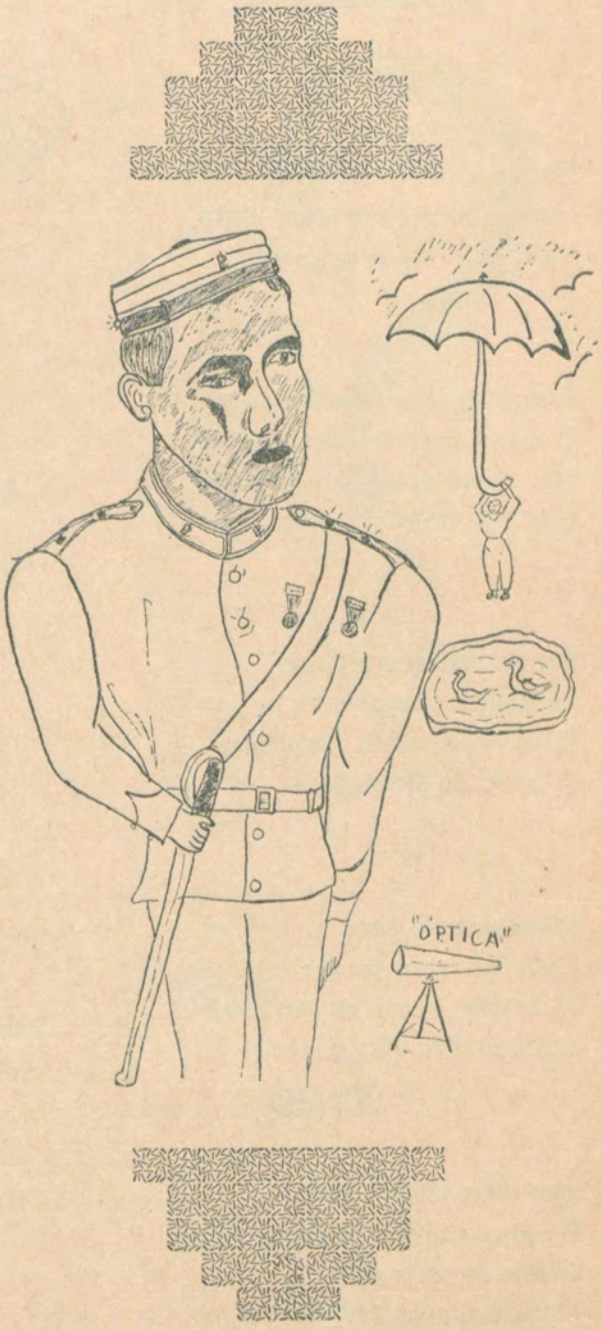
António Elvira Borralho

Estudante sempre aplicado
Nunca a estudar se cansou
E vai deixar o «Pilão» amado
Porque seu curso findou.

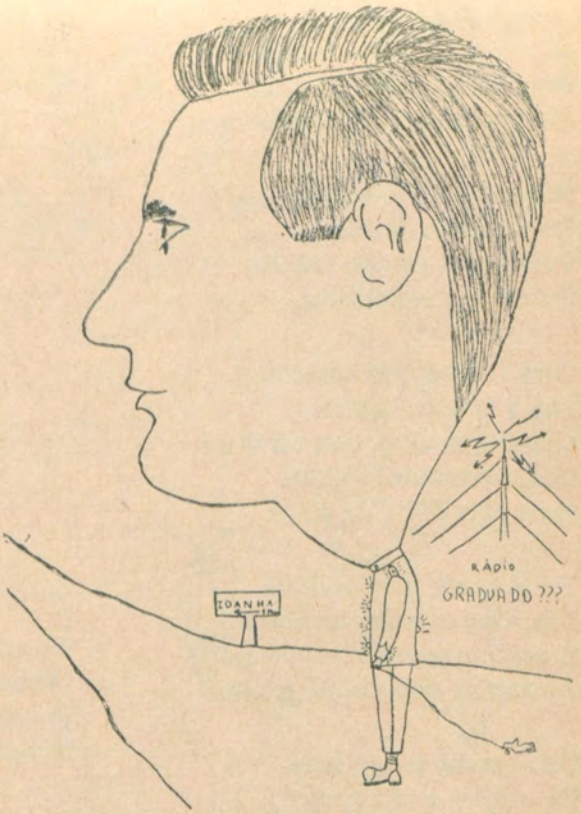
Sempre calmo e confiante,
A primeira comandou
Servindo de estimulante
Aos colegas que chefiou.

Reservado por natureza
Nunca entrou em discussões
Mostrando delicadeza
Quando estava em reuniões.

Agora à despedida,
Felicidades p'ró Borralho
E que triunfes na vida
São os votos do *Carvalho*.



José Felino Monteiro Lopes



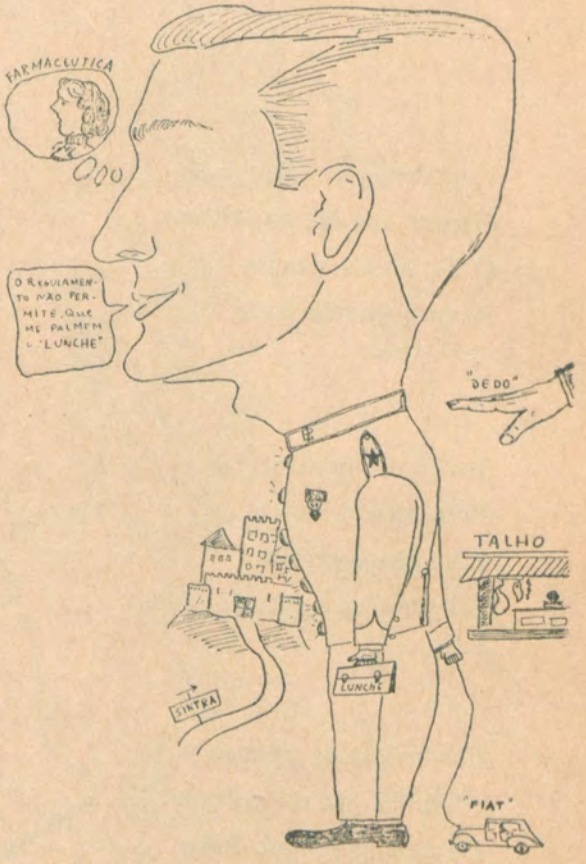
Procedente da «Zibreira»
Chegou um dia ao «Pilão»
O Zé, rei da asneira
Sempre grande pontarrão.

Sua figura popular
Nesta casa triunfou
E foi aluno regular
No curso que agora findou.

Futebolista de pasmar
A' defesa era um colosso
Deixava-se sempre fintar
Mas comia bom reforço.

Que sempre triunfes na vida
E não sejas mais aldrabão
Deseja-te à partida
O *Vinte e Oito* do «Pilão».

Rui Noel Moreira dos Santos



Aqui vamos apresentar-vos o *Father*
E dele vos vamos falar
Mas para poupar papel
Vamos ser breves no «cortar».

Amigo dos bons petiscos
O Fadeu escolheu entre tantos
Aquêles que vêm do talho
Ou seja, Carne... dos Santos.

Não sabe tirar proveito
Da sua farda luzida
Pois tem o grande defeito
De ser um infanticida.

Suas zangas seus cuidados,
São a falta de cabelo.
Um dia, pensou, que cortá-los
Lhe nascessem irritados
Mais uma dúzia de pelos.

Tu és quase uma senhora
Nas roupas muito arranjado
E desde que estás no «Pilão»
Arranjaste sempre um criado.

Pela manhã muito cedo
De calções e alpargatas
Está o Fadeu treinando
Ginástica do Charles Atlas.

Onde está o meu lanche?
Grita o Noel afirmando
Que há-de torcer o pescoço
Áqueles que o estão gosando.

Do passado nós nem falamos
Porque não queremos queimá-lo
Já que agora com certeza
Ninguém o bate em pureza

Com o curso terminado
Nova vida vais começar
Por tudo teres acabado
Um abraço te vamos dar.

TERRINAS & CARRAÇA

Rúben Barata R. da Silva Pires

Batem sonoras doze badaladas
Da meia noite, sem que ninguém veja,
Testa perlada, a fonte lateja
«Al Capone» faz, suas «cowboyadas».

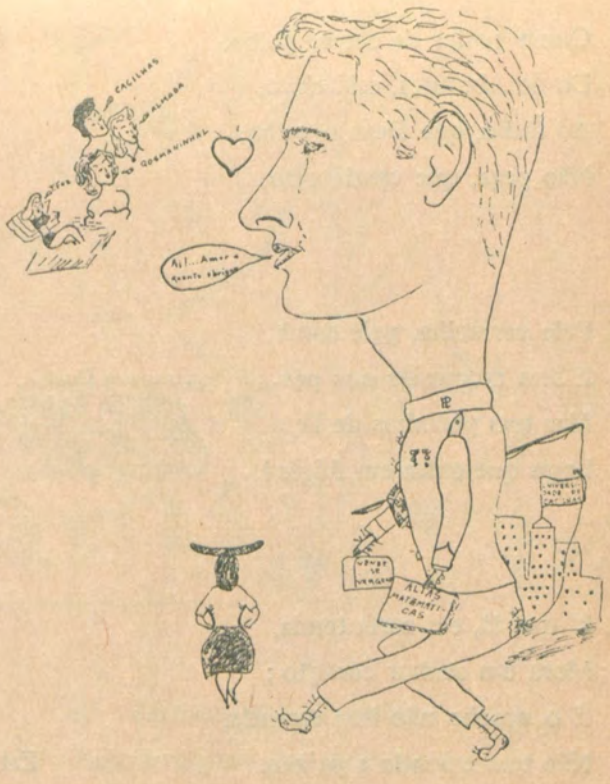
* * *

Mas Rúben!
Tu estás a ver,
Estou a reinar
Podes crer,
Não te quero magoar,
Acredita
Foi sem querer
Eu p'ro «Al Capone» ver,
Estou concerteza
A sonhar.

* * *

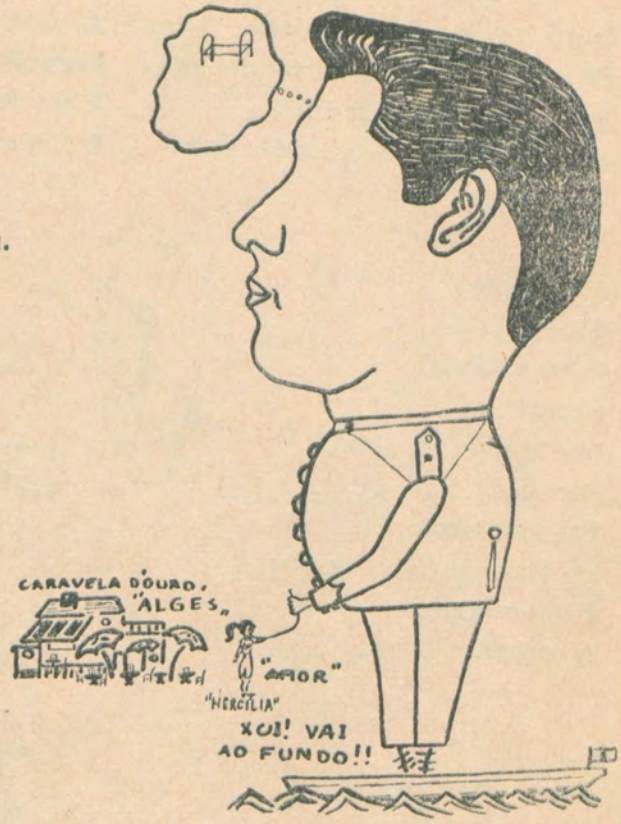
Pobres donzelas,
Que acreditaram
No teu amor,
Já te passaram
Do pensamento
No esquecimento
Já estão na dor;
Uma coitada,
Oh! desgraçada
Muito te quiz
Com emoção.
Vai do «Pilão»
E sê feliz.

Assaltou o Banco, e vejam que agora
Lesto vai saltando, telhado a telhado
E procura ir até ao mercado
D'Almada, a correr lá vai sem demora.



Luis Armando Marques Garcia

Quem gostar de comer palha.
Da de Abrantes, está claro,
Ao Índio, que Deus o valha,
Não peça, que vende caro.



Pele vermelha, pele romã,
E sem mocassins nos pés...
Mas tem pèzinhos de lã,
Logo que entra em Algés!

E' que lá, em certa tenda,
Mora um senhor coração;
E o apache não tem emenda,
Não tem emenda a paixão.

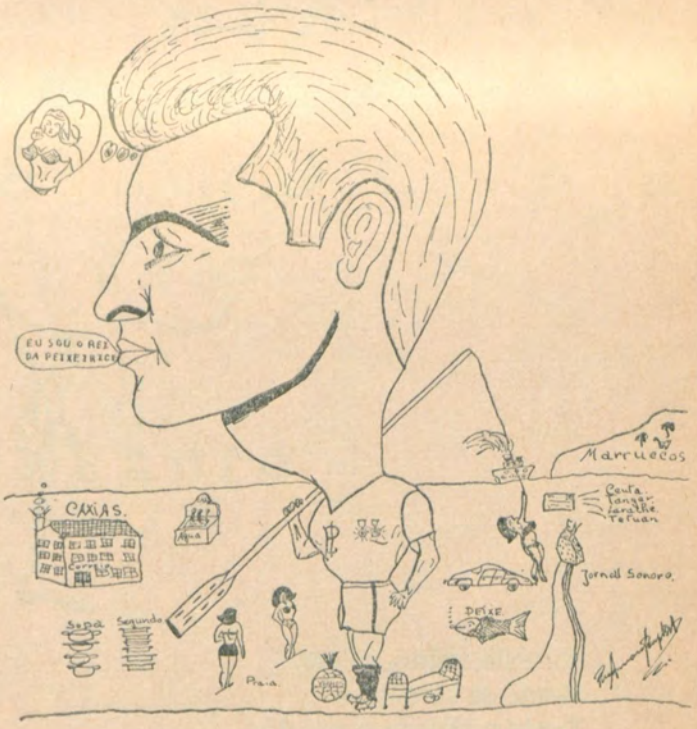
Ele que é remador,
Dos bons, do nosso I. P. E.
Sabe que contra o amor,
E' remar contra a maré!

Esta vida está acabada
E se no estudo venceste
Vai p'rá vida e guia o espada,
Guia o espada que escolheste.

ALEIXO

RUI AMARO BAPTISTA

Da mecânica o grande «Calmeirão».
Eis que agora chega folgazão



— Oiça lá ó empregado
Não vá eu morrer de fome
Traga mais vinte terrinas.
— Depressa, estou esfomeado
E o que na vida se come
E' o bom das coisas finas.

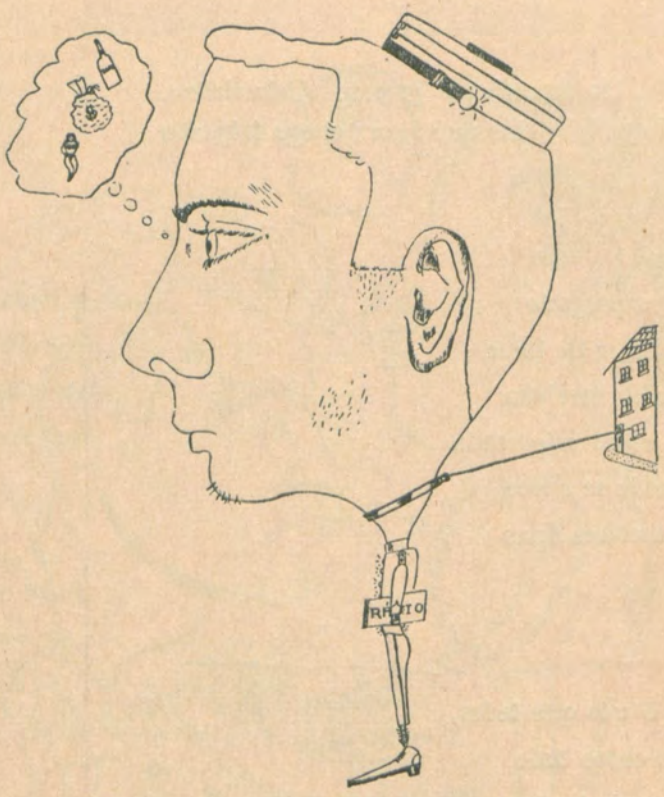
Mas escutai, ó vós que ledes,
Ele é esperto como tudo
Pois não gosta de terrinas
Come só o conteúdo.

RUI, aprendeste a vencer
Com o remo e com a colher
Mas ao subires ao altar,
Olvida um pouco o comer
Senão a tua mulher
Muita fome vai passar.
Vais-te hoje embora à partida
Não metas água na vida.

O' «Terrinas» vais-te embora
Hoje o «Pilão» vais deixar
E ele vélhinho te diz:
Chegou a sagrada hora
Não vale a pena chorar
Segue sempre e sê feliz.

CABO VERDE

Helder Rui Ferreira Duarte de Almeida



Portento, sabão, colosso,
Monte de sabedoria,
Também chegou o seu dia,
Garotas, largai o osso!...

Não sei de forma precisa,
Nem penso, e sou pensador,
Se é por ser pesquizador
Que a ele chamam «Pesquiza».

Desportista? Cem por cento,
Do garfo, claro está,
Porque no resto o portento,
Tem classe abaixo má.

Uma, duas, dez, quarenta,
Eu não sei, de Norte a Sul,
Quanta mulher é que aumenta
A série do Barba-Azul.

O passado foi risonho
Foi risonho o teu passado
Quem até agora foi sonho
Que seja um sonho a teu lado.

ALEIXO

CURSO
DE
COMÉRCIO

Orlando Moreira Gonçalves

Eis que chega com ar à «avára»
Do Comércio o Gonçalves Lara.

Rapaz pequeno e disforme
Veio um dia para o «Pilão»,
Vestiu logo seu uniforme,
Que o usou com distinção.

Sete anos a estudar
Mas só num deles chumbou
Quando o paraquedas ia no ar
Que com ele não aguentou.

Todos o conhecem
Como estudioso
Mas se soubessem
O passado brioso,
Cheio de conquistas
Arranjadas a toda a hora
Não ficariam trocistas
Como ficavam outrora.

Também nos vais deixar
Para nova vida enfrentar
Sentirás a saudade
Que alojada no coração
Lembrar-te-á o «Pilão»
Que te levou a mocidade.

Nesta hora de separação
Há sempre uma lágrima traiçoeira
E os amigos Jorge e Mário Pereira
Abraçam-te com comoção.

Jorge e Chino Pereira

CURSO
DE
CONTABILISTA

Em cortejo cintilante
Barulhento e triunfal,
Partem com orgulho impante
Para um futuro brilhante...
— Soldados de PORTUGAL —

O «Lua» esguio e branquinho,
Com o «Das Pipas» atrás
Molham no «Bule de Chá»
O «Espoleta» e o «Pintainho»
Uma arma forte a... «Tarracha»
Para matar o «Gazela»...
Mas o «Bijeu» com ar de chacha,
Estraga o furo ao rapaz.
Um pouco cá mais atrás
Eleva-se a voz sonante
Do «Lanza, Mário Lanzudo»
Que o «Badalo» cabeçudo,
Apresenta ao bom «Faruk»...
Mas o Tomé «Bandoleiro»
Mais o «Tavarzinho Luc»
Estragam o cantar inteiro.
Quando o «Toyka» pernalta
E o «Banacau Rebeldia»
Penteiam bem o «Careca»,
Ao qual o pelo não falta.
Para terminar a malta,
Surge só mais um grupinho;
Pois só o «Terramoto» falta,
Que vem colado ao «Cèguinho».

E' um grupo numeroso,
Bem formado, sério, unido,
Que parte, muito orgulhoso
Depois do dever cumprido.
Que Deus, com olhar bondoso...
No bem, o conserve unido.

ALEIXO

Carlos Augusto Cunha Bispo

A vida é de períodos
Um finda, outro vai seguir
Quero dizer algo amigos
Antes de que vá partir.

Sabugal o viu nascer
Vindo parar ao «Pilão»
Lutou para vencer
Este nosso mandrião.

Por Nabais foi conhecido
Por Lua alcunhado
Por Carbonato o tratavam
Por primo Cunha, chamado.

Teve «flirts» de grande altura
Mais um sócio da aviação
Mas para a sua vida futura
Só fica a recordação.

Olhai pequenas e tende cuidado
Pois disto não duvido
Que apesar de acanhado
Ele é muito pretendido.

Adeus tudo, tudo, tudo...
Tudo que não volta mais
Mas viverá eternamente
No coração do Nabais.

E agora na despedida
Sem poder contar o resto
Abraça-te por toda a vida
O teu amigo Modesto.

MODESTO DA SILVA

Manuel Pinheiro Pelicano

Forcalhos... quietude, nem gemido...
Mas nisto um estranho alarido,
Aos nossos ouvidos soa!
O vinte e dois há nascido,
E não sei se por ter querido
Veio um dia p'ra Lisboa.

Diz o avô enlevado:
— Tem que ser mui bem tratado,
Pois que eu p'ra ele só olho;
Com duas faces rosadas,
Duas pernas arqueadas:
Parece mesmo um repolho.

E depois pouco cresceu,
Mas muito, muito comeu,
Tão solitário e tão só.
Mas só se enganou depois,
Porque em vez de vinte e dois
Só dizia: Binte e dó!

Tão pequenino estudou,
E nos estudos triunfou
Sempre sòsinho hora a hora.
Estudou, marrou todo o ano,
E o amigo Pelicano
Vai seguir pela vida fora.

E quando lembrares a serra,
Pensa bem na tua terra
Ao soarem as trindades.
Deixa um lugar p'ró amor
Vai e luta com ardor
Que eu desejo: Felicidades.

CABO VERDE

Ventura Nunes Garcia Cortes

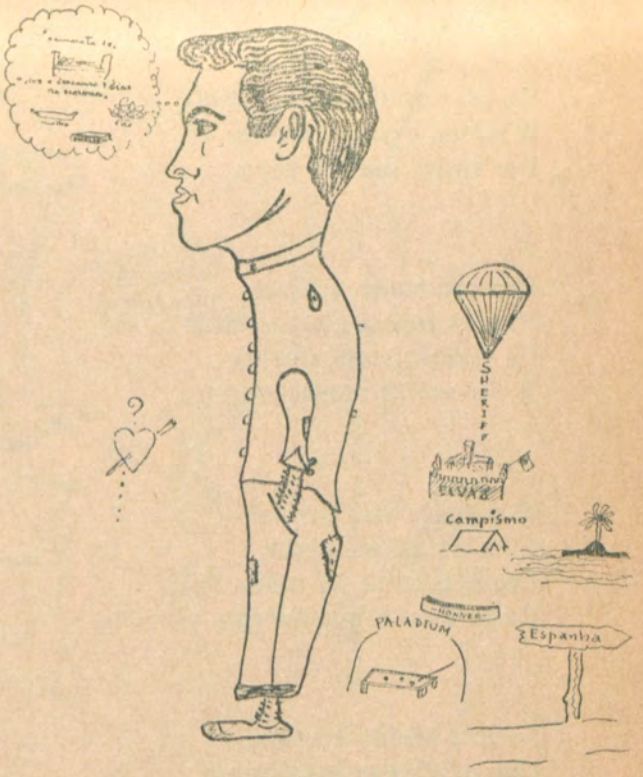
Mais um que vai partir,
Na Escola irá entrar,
Que a vida lhe sorria
E que ele possa singrar.

Soam cornetas ao longe.
— O quê?! Já está a tocar?!
Na «estufa» não se ouve nada,
Toca outra vez a deitar.

Harmónica e pífaro,
Acordeon e piano,
Tudo toca sem fifias
Este sorna alentejano.

No «flirt» é um mestre,
Conhecendo toda a manha,
Tendo a fama já chegado
A' nossa vizinha Espanha.

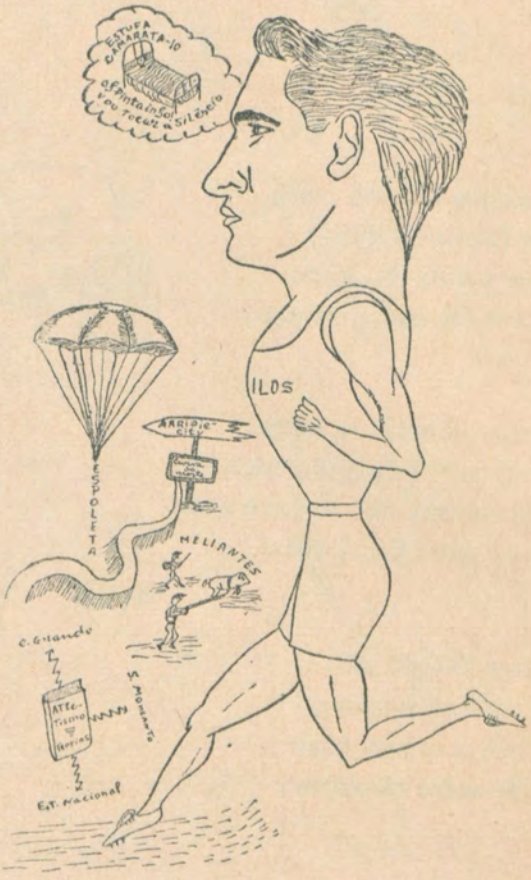
Na Matemática um nulo,
Nos desportos um falhado.
Resta-lhe a corôa de glória:
E' poliglota afamado.



Adeus Cortes amigo,
Desculpa a brincadeira,
A minha falta de jeito
E os «Versos à Ferreira».

CHICO

ANTONIO BARRETO ROSA



Arripiado terra famosa
Te viu um dia nascer
A pouco e pouco crescer
Por entre cravos e rosas.

Coração muito volúvel
Paixões tem-nas aos milhões
Cá está mais um «Pilão»
A dar-vos as saudações.

E' o terror das terrinas
Comilão até mais não
Desde a carne às coisas finas
Come tudo o que lhe dão.

Sempre sabido e calado
Nas paixões mais amorosas
Que ninguém há calculado
Se trágicas, se ditosas,
Se vulgares, se espantosas.

Pródigo no amor
E bem tagarela
Senhoras, por favor
Não lhe dêem trela.

Agora quero acabar
Mas falta-me rima em «eira»
Pronto, lá vai um abraço
Do amigo COUTINHO FERREIRA.

José Henrique Coutinho Ferreira

João Gregório Duarte Ferreira

As trombetas e tambores,
Que deslumbramos com a vista
Anunciam a chegada
De outro «paraquedista».

É o «Pinto», imaginem!
Que com garbo e valentia,
Ao fim do curso chegou,
Passando p'la «Sargentia».

Meninas que estais solteiras,
E que pensais em casar:
Este não vos aconselho,
Pretende-vos castigar.

As «sands» apetitosas
E o café bem quentinho,
Foram grandes ousadias
Do amigo «Pintainho».

Os ovos e as laranjas,
Que comeste sem contar.
Se não fosse o bom «Eloy»,
Tu terias d'embarcar...

O «Papa-Giz» não morreu,
Apesar d'estar ausente.
E na hora da partida,
Grita bem alto, «PRESENTE».

Presente p'ra t'abraçar
E dizer-te lealmente,
Q'amizade contraída,
Não s'esquece fàcilmente.

Fernando Jorge da Silva Dias

Manuel de Sousa Cardoso da Silva

O rapaz que aqui vedes
Com esse ar de confusão
Foi exportado de Paredes
Veio um dia p'ró «Pilão».

Nos Diários ele se inteira
Se isto por cá vai mal
Notícias d'além fronteiras
Lê na «Vida Mundial».

Alegria é o lema
Do maluco ajuizado
Mas o grave problema
Reside no penteado.

A correr é uma seta
Nos estudos é um ás
Quando lhe dá para falar
Não temos melhor cartaz.

Com ele anda a confusão
E nisso é ele Çarola
Para findar no «Pilão»
O Zuca jogou à bola.

Tomem cuidado garotas
Com o seu belo risinho
Porque casando com ele
Não ganham p'ró «binhinho».

Mas leva já pretensões
Dum futuro ideal
Sonhando com os galões
Ele quer ser oficial.

Na hora da despedida
Há lágrimas e um suspiro
Vai partir o «divino mestre»
Da seita do «diospiro»

PELICANO & CORTES

José António Inês Quintas

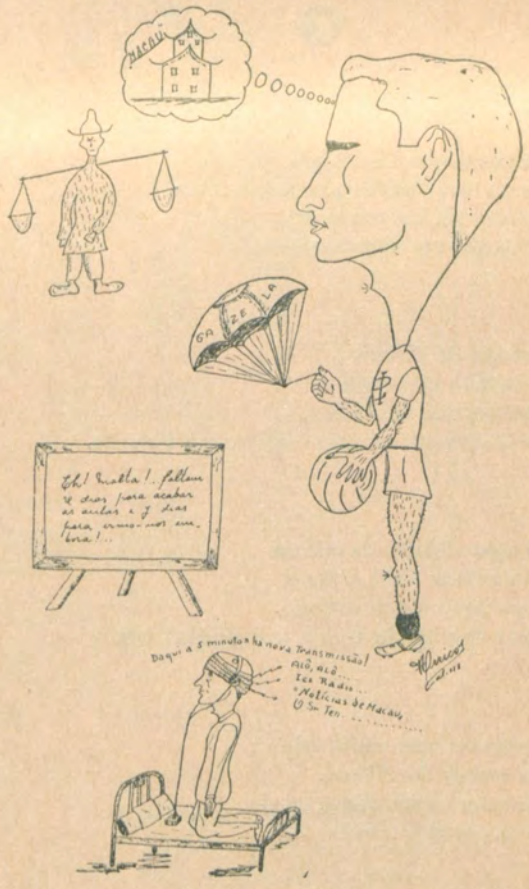
Quando do «Pilão» falaram
Logo de Macau enviaram
Este chinês magrizela.
E uma coisa podeis crer
Nunca mais hei-de esquecer
O pescoço do «Gazela».

E' mais um paraquedista
Que vai saír contabilista
Depois de muito «estudar»
Pescado da sargentia
Chegou até este dia
Sem saber o que é chumbar.

No desporto nos deixou
Uma história que ficou
Para nunca se olvidar
Campeão em Andebol
Mas coitado, no futebol
Nunca chegou a jogar.

No seu amor secreto
Não quero ser indiscreto
Pois é lá com ele e com ela
Entre marido e mulher
Nunca metas a colher
E eu não a meto oh «Gazela»!

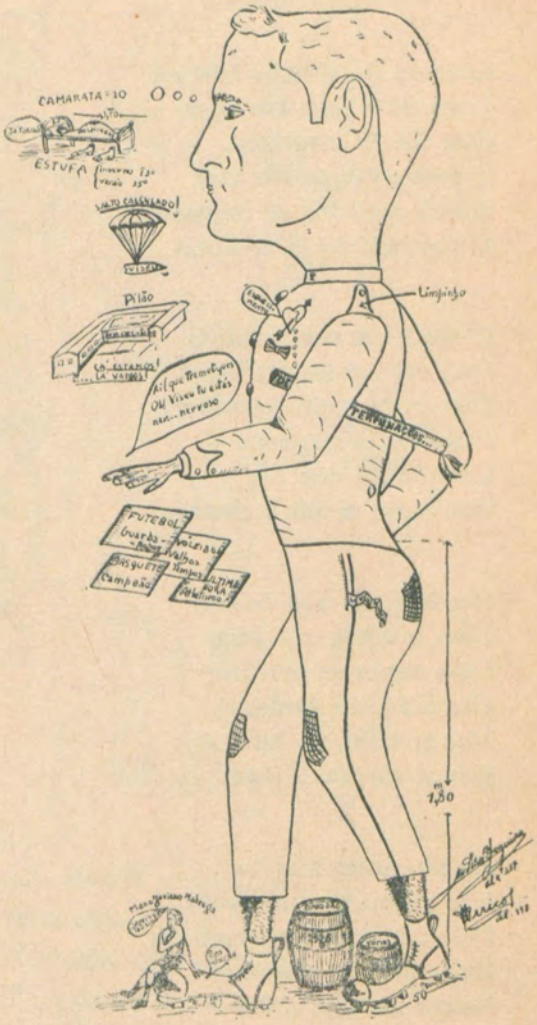
Um dia alguém lhe enfiou
Um barrete que bradou
Neste cantinho da terra
Um, escondido, transmitia
E na galena ele ouvia
Que Macau estava em guerra.



E agora que vais partir
Se uma lágrima caír
Não importa! São saudades
Desta alegre rapaziada
Que na hora da abalada
Te deseja: Felicidades!

MENDONÇA

José Augusto de Almeida Figueiredo



Surge agora o Figueiredo
Com umas chancas que metem medo
Só olhá-las, causam terror
Eis o gigante «Botasmastor».

Patrício de Viriato
Criado lá pelo mato
Brutamontes muito alto,
Se há pancada no caso é ele o carro d'assalto.

O aparecimento da criança
Vai reduzir a sua herança
Para isso tudo se conjuga
Terá de a dividir com o Juviano Madruga

Defendeu com muito brio
As balizas do «Pilão»
Remates baixos nunca os viu
E os por alto também não.

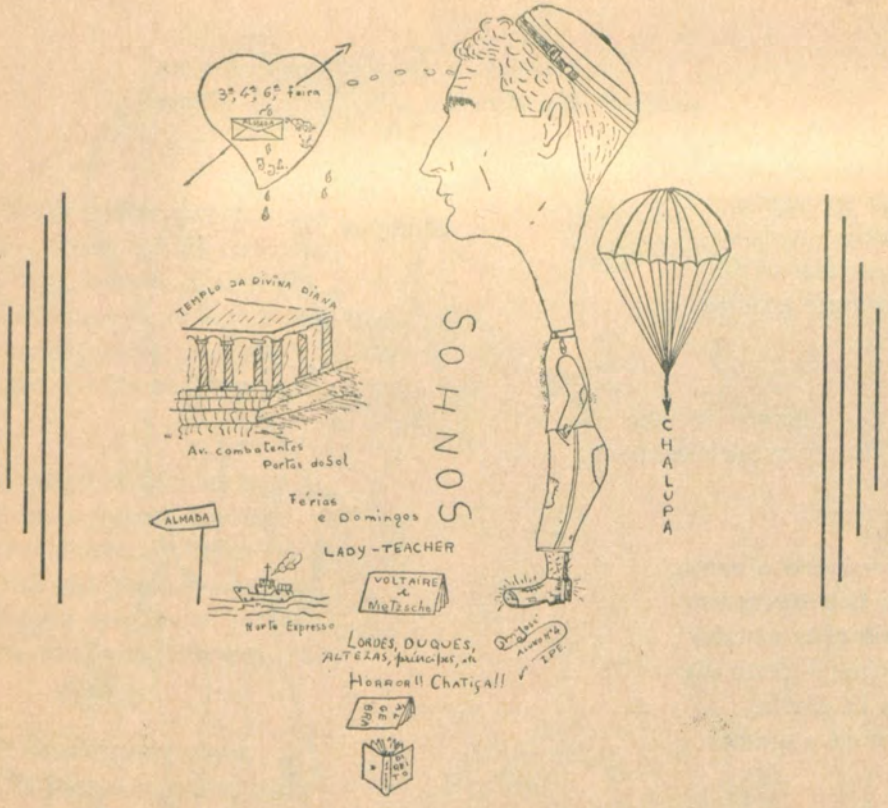
Foi sempre um estudante muitíssimo aplicado
Se por ser cábula houvesse prémio ele era medalhado
Queimou as pestanas a estudar
E ao toque de recolher já ele estava a ressonar.

Não o tomem por bisonho
Ele estudava sim... mas em sonho
Foi até paraquedista
Mas sempre com tanta sorte que chegou a finalista.

Desculpa, eu só disse de ti coisas tortas
Mas que sejas feliz na vida
E' o que te deseja à despedida
O teu amigo

ZÉ DAS PORCAS

António Alberto Bravo Ferreira



Teu tempo de estudante é acabado,
Chegou a hora da tua despedida,
Uma hora em que o passado é ofuscado
Pelo receio de entrar em nova vida.

Sê forte. Não queiras ouvir o coração,
Confia na vida que passarás a viver
Mas se uma lágrima sentires, então,
Esconde-a, não a deixes aparecer.

Anos depois, em êxtase, recordarás
A infância em comum fraternidade,
E as canções do Mário Lanza ouvirás
Com um fremente sentido de saudade.

Santarém não será mais para ti, então,
Que cinzas dum lume já apagado...
Pois que no Tejo a calma viração
Passou-te a conduzir para outro lado.

Bastantes felicidades te desejo
P'rá vida em que por certo vais brilhar
Pesaroso por não ter o ensejo
De pessoalmente te poder abraçar.

MATIAS PINHEIRO RITTA — Ex-aluno n.º 92

Manuel António da Silva Brogueira

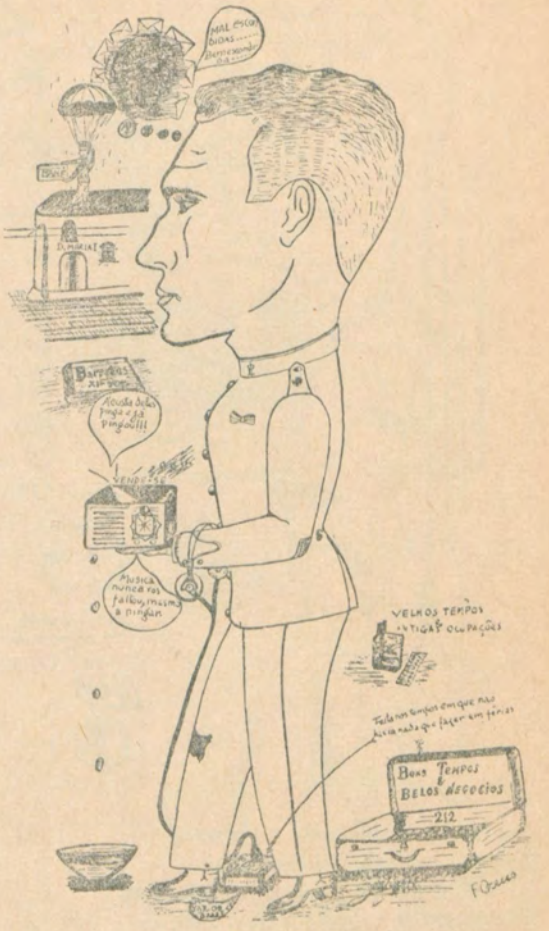
Hora d'abalada,
Mal e quase nada
Vou apresentar:
Cabeça quadrada,
Quase atarracada,
E sempre a reinar.

Lutador de fama
Brogueira se chama.

Leve como o vento,
Do Entroncamento
Veio com tal calor;
E eis que certo dia
No D. Maria,
Encontra o amor.

Bom contabilista,
Mas paraquedista
Com bastante apego
Alcunha: «Mané»
Imita tal é
Cantar de «borrego».

Oh! Mané «Brogueira»
Vais de brincadeira
O «Pilão» deixar...
E se vais com mágoa,
Não metas mais água,
Podes-te afogar!



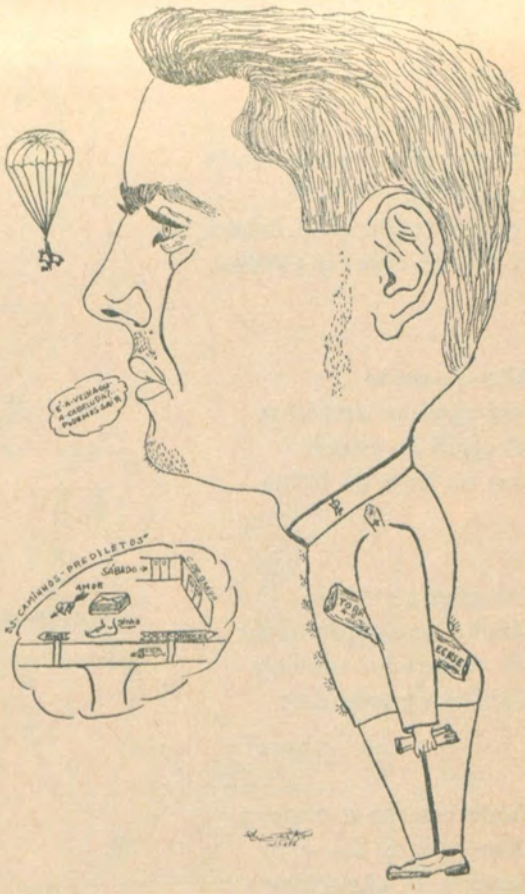
Sê feliz na vida,
Vai pela subida,
Que te saias bem!
Não deves corar,
Por estares a chorar!
O chorar! Que tem?

CABO VERDE

Rogério Casimiro Pires Fangueiro

Cantando e engordando a vida inteira
Parte o «Faruk, Ápis» o célebre «Zé Pereira».

Fujam gentes, depressinha!
Não vêem que aí caminha,
Firme, calado, qual mudo.
Escondam-se atrás dos móveis,
Afastem-se os automóveis,
Que o «Zé» atropela tudo.



A magreza não lhe liga,
Com a enorme barriga,
Que dando em barco faz rombo.
Mas oh! gordura socorres,
Aquele que lá em Torres
Da banda engoliu o bombo.

E depois gente ruim,
Diz que ele cantava assim:

Com o bombo na barriga,
Isto assim é uma espiga
Espiga que não pertence!
A mim não, que sou teimoso,
Pois sou também faccioso
Da glória do Torreense.

Ouvi dizer, se não erro,
Que nos caminhos de ferro,
Ali p'rá linha da Beira,
Um combóio desapareceu!
Digo: — «Zé» que sucedeu?
— Meti-o na algibeira.

Com o bombo vais partir,
Te despedes a sorrir,
Mas nos olhos já vais tendo,
Qual orvalho numa rosa,
Uma lágrima teimosa,
Sê feliz! E vai comendo.

JOAQUIM DELGADO TOMÉ

Viajando em tercira
Chegou ao «Pilão»
Um candidato da Sobreira
De cajado na mão.

Era pequeno, rechonchudo
Aviação ia comendo
Foi crescendo — é calmeirão
Fê-lo esta casa: o «Pilão».

Alto e ossudo
Sem grandes ambições
Alérgico ao estudo
Mas na fisga dá lições.

Remador resistente
Mesmo sem saber nadar
De «volei» foi suplente
Mais não poude dar.

Tanto esforço e canseira
Dispendeu o Tomé
Homem da «Leiteira»
Para chegar ao que é.

E' pàraquedista
De temperamento acanhado
Mas chegou a finalista
Pouco tendo estudado.

Enfim vais partir
Espera-te uma nova vida
Mas irás a falta sentir
Desta casa sempre querida.

JORGE

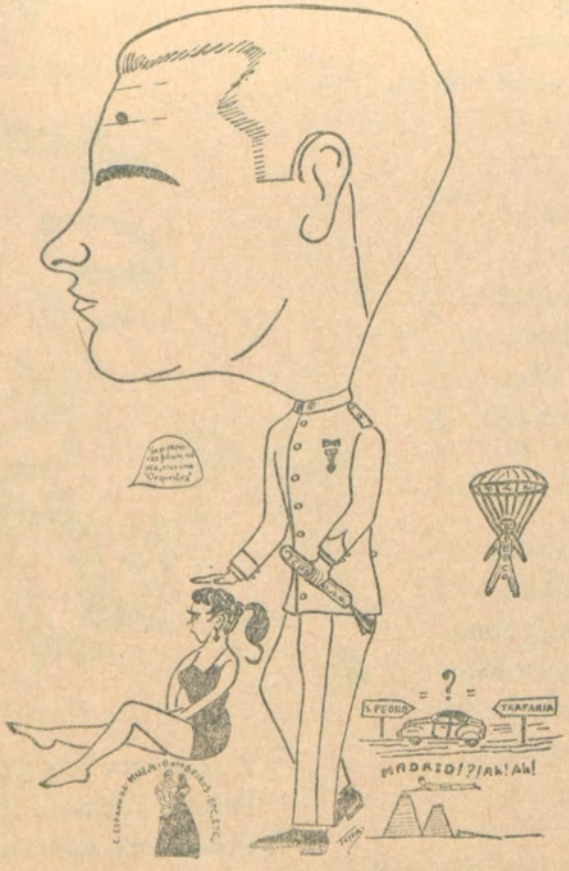
Rui Manuel Martins Tavares Luc

I

Eis que chega com afã
Da colectividade o célebre «Don Juan».

II

Oito anos de «Pilão» o grande sedutor,
Supera, não iguala o grande Valentino,
Jogou futebol mas sempre bailarino,
Sonhando: Oh! Primavera tempo d'amor!



III

Conta a lenda que em S. Pedro de Muel,
No Verão à beira-mar deitado na areia,
O Rui namora a bela Dulcineia
De gesto adocicado como o mel.

IV

Mas quando se juntarem, p'ra seu mal
Todas elas que tem por aí fora,
A da Grande e a cantora
O Tavares vai parar ao hospital.

V

Quando cansado de muito trabalhar,
Já moribundo, no fim da sua vida;
Passada a mocidade já perdida
Apostava que o Luc morre a bailar.

VI

Mas se o resto da história não soletro
Só direi que todo o santo dia
O Rui cantava o samba «Avé Maria»
Mais alto do que ele, que tem só um metro.

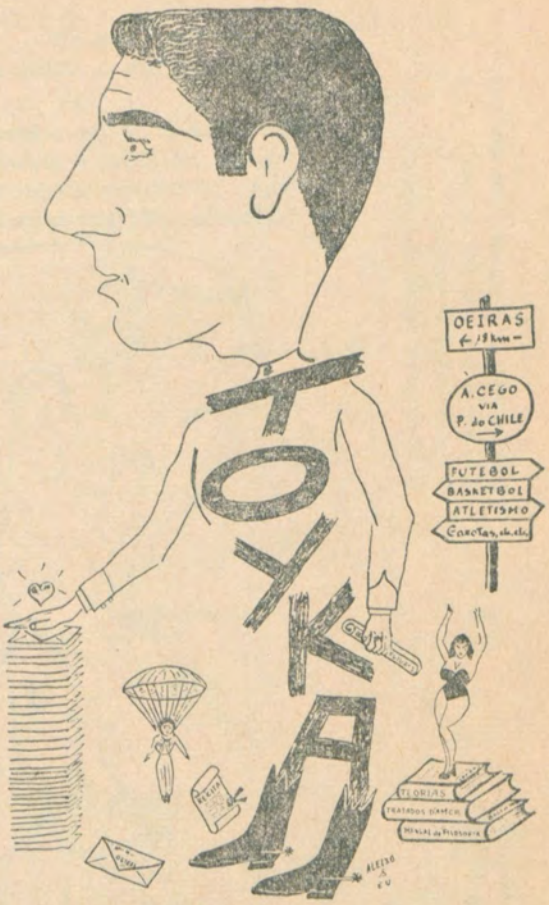
VII

Podes crer que vais ter muitas saudades,
Quando o velho «Pilão» tu fores deixar;
Tu não verás as paredes a chorar
Mas podes crer te desejam felicidades.

VIII

Se a dança por ti se perde
Sê feliz, te deseja o CABO VERDE.

Manuel Antunes Borges Correia



Mais um «paraquedista»
Do Curso Contabilista
Que do I. P. E. parte agora,
Um fugido à sargentia
Pernalta, alto, fasquia,
Que de um salto vai-se embora.

Um furo no futebol,
Bom no basquetebol,
No desporto nada lhe falta.
Nos bailaricos um primor,
Dança com tanto sabor,
Que até sabe a «marmel...»

Oeiras! Terra de sonho
Viu este fino «medonho»
Começar, fumando a esmo
Mas não gasta um «tostão»
Porque a marca «Se Me Dão»
Ele fuma e gosta mesmo.

A comida predileta,
E' a cartinha selecta
Que lhe remetem diária.
Porque este «pardaleco»,
Tipo compasso, pau seco,
Arranjou uma canária.

E agora que vais partir,
Deixa o «Pilão» a sorrir
Pois cá não voltas a filosofar,
Vai, pois o que há de bom
Na vida será o teu Dom,
Basta eu te desejar.

ALEIXO

José Henrique Coutinho Ferreira

Vai partir mas já não de brincadeira
Mui nobre e mui selecto, o célebre «Ferreira».

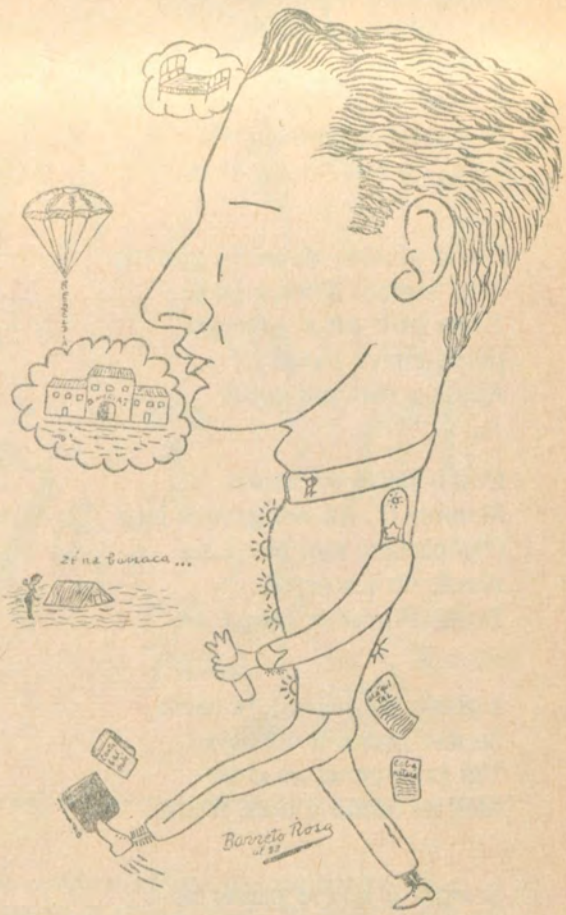
Ouvi dizer certo dia
Que lá no D. Maria
Um certo «pilão» esperava
Qual Romeu apaixonado
De fato todo encharcado
Da chuva que transbordava.

Ela então depois saia
E já de longe sorria
Feliz no seu passear
Ele direito selecto
Mas eu não sou indiscreto!
Não tenho mais p'ra contar.

A' prova pôs sua voz
Lá na Figueira da Foz
Num cantinho do jardim
Até as flores murcharam
Pois nas canções que escutaram
Uma delas era assim:
Ah! Plim, Plim... Ah! Plim, Plim.

Eu julguei ser reinação
Ir já deixar o «Pilão»
Tão depressa nesta hora
Oh! boa estrela alumia
O amigo «Rebeldia»
P'ra singrar na vida fora.

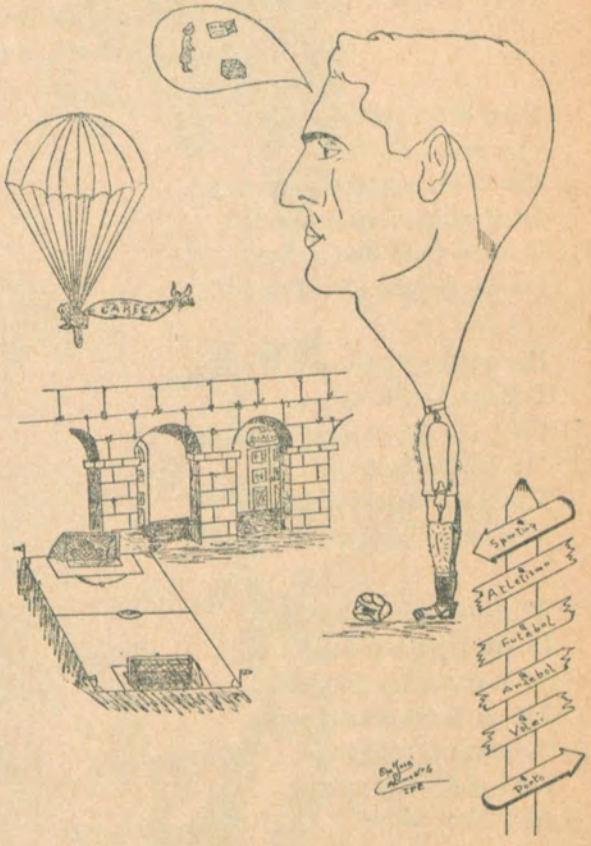
Não chores, vá «Banacau»
Nem faças cara de mau
De eu dizer estás a chorar
Lembra bem o que te digo
Eu sou sempre um velho amigo
Com quem tu podes contar.



Me despeço, mais não faço
Da malta vais ter saudades...
Do CABO VERDE um abraço
Dele e «Pilão»: Felicidades.

Joaquim Cabo Verde

ANTÓNIO SILVA DORES



Batem forte, fortemente,
Vão deitar a porta abaixo.
Quem será o mamarracho
Que bate tão docemente?
E' o rei dos destruidores
Dono da Sala... o Dores.

Como «Pilão» da velha guarda,
Teve sempre amor à farda
Tinha brio em a envergar
Já ela estava parda
Ainda a mandou voltar.

E' um rapaz de futuro
Meninas!... é um grande furo
P'ra escolha tem boa vista
Ainda no Carnaval,
Fez uma grande conquista.

Irritado, ele de tudo é capaz
Se não ganha a discussão
Vai tudo parar ao chão
Mas no fundo é bom rapaz.

Sempre o azar o perseguiu
Mas há pouco a sorte lhe surgiu,
Apesar de paraquedista
Conseguiu ser finalista.

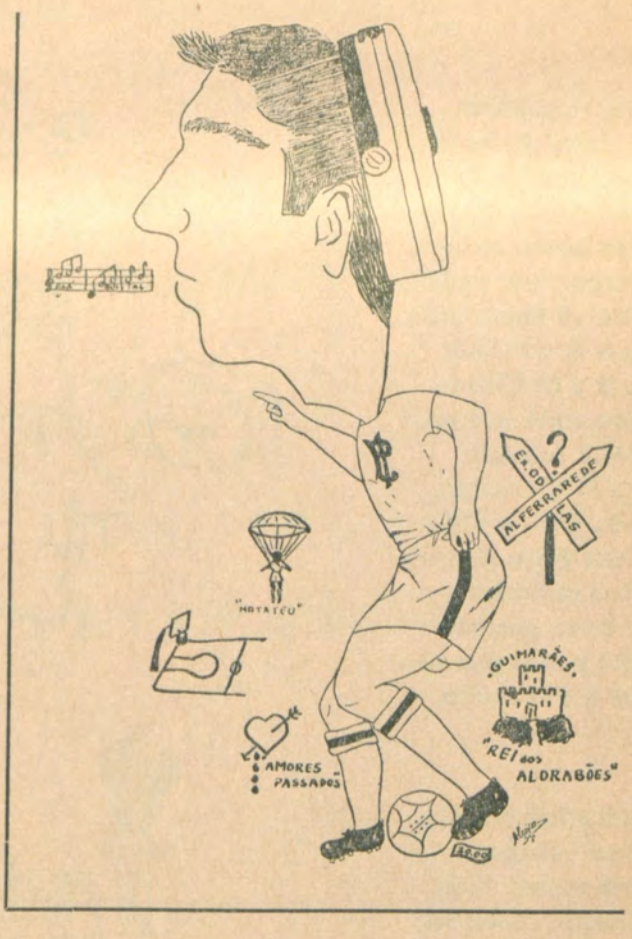
A sala está um primor
Basta seres tu o director
Nem há outro assim no «Pilão».
As revistas rasgadas,
São facadas que te dão.

Praticou todos os desportos,
E em todos fez furor
Até p'ra jogar c'os mortos,
Alinharias por favor.

Chegou a hora da partida
Bate com jeitinho às portas,
Um abraço de despedida
Do teu amigo...

ZÉ DAS PORCAS

Mário Fernando Fernandes Pereira



Eu canto do Pereira os coices colossais
O seu pelo de arame e outras coisas mais

Mas para cantar sentindo, a dor de o ver partir
A alma dum Camões é preciso sentir

Enfim ! nesta pobreza crassa
Cantemos esse Mário, esse galgo de raça
Onde avulta uma marreca de proporções tamanhas
Que coloca na sombra as mais altas montanhas.

Sim, cantemos o Mário, o Suíno, o feião
Que antes de ser um homem, já foi um matacão

Um jogador da bola, um bruto engatatão
Homem que põe o pé onde outro põe a mão

Um terno no amor que o trata brutalmente
Um bárbaro para quem o ama brandamente

Onde há um baile sem que ela o mande à fava
E acabe por dançar com ele em tipo «java»

Sim, cantemos o Mário, o corda, o pontarrão
O homem da anedota sempre em primeira mão
O Mário que hoje parte, para uma vida inteira
O Mário Fernando de Fernandes Pereira

O Mário que conheci era ainda um petiz
E que hoje se é um brúto terno, assim o quiz

Quiz ser o que hoje é muito mais quererá
Que Deus ajude o Mário, e tudo ele t'rá.

ALEIXO

Florentino Armando da Conceição Antunes

Um contabilista
Gostava de ter
Um bom oculista
Para poder ver
Um pouco melhor,
Porque este senhor,
Não vê muito bem,
Mas apaixonado
E lá p'ró Chiado
Que sorte que tem!
Isto é reinação
Vê lá Conceição,
Não leves a mal!
Tens golpe de vista!
Pois és finalista,
E deixa que fale
Um pouco sem tino
De ti Florentino.

Nariz batatudo,
Boas relações,
Belenenses, tudo,
Sempre confusões,
O que faz, desfaz!
O nosso rapaz,
E do que põe tira!
Prestes a abalar,
O «Pilão» deixar,
Parece mentira!
De eu de ti falar,
Não te vás zangar,
Façamos as pazes
Curso: Conclusão!
Nisso confusão
E' que tu não fazes!

No coração guardes,
Que o «Pilão» te perde,
Votos: Felicidades
De mim: CABO VERDE.

MARCHA
DOS
FINALISTAS

MARCHA DOS FINALISTAS

Letra de David Sequerra

Música de Dr. José Bento Monteiro

Saudades
Tantas saudades,
Das paradas,
Alvoradas,
Brincadeiras,
Rapaziadas...
Tempos que não voltam mais!

Saudades,
Tantas saudades!
Dessas vidas
Divertidas
De canseiras
Bem seguidas
De repousos divinais.

Saudade
De dizer com emoção
Numa voz sem ter igual:
Sou aluno do «Pilão»,
Servidor de Portugal!

Refrain:

De abalada
Não esquecemos
Nem devemos
Olvidar
Os amigos verdadeiros
Que deixamos cá ficar
Na partida
Dolorosa
Voz saudosa
A murmurar:
Bons triunfos, altaneiros,
Havemos de alcançar!

Partimos,
E' hoje o dia!
Do bulicio
Da folia
P'ra esconder
A nostalgia
Dum instante sem ter par

Partimos,
Nada mais resta
Só nos queda
Esta festa
Animada
E dedicada
A quem estamos a acenar

Partimos
Mais que nunca nos unimos
Para mais alto cantar.
A partida é sempre triste
A saudade faz-nos chorar.

Refrain :

De abalada
Etc. . . .

EXECUTADO
NAS OFICINAS
DO I. P. P. E., EM
JULHO DE 1956